A Modernização das Estatísticas Nacionais

Simon Schwartzman[1]

Reunidos em Santiago para participar da Reunião Conjunta OEA-CEPAL em Matéria de Estatística, os dirigentes dos institutos de estatística das Américas puderam testemunhar a grande transformação que está ocorrendo nos sistemas estatísticos nacionais em todo o mundo, e que começa a chegar também na América Latina, principalmente a partir do México e da Argentina. O Brasil, aos poucos, começa a se preparar para esta renovação necessária e inevitável. A transformação começa pelos conteúdos das estatísticas, seu uso pelos governos e diferentes setores da sociedade, passa pelos procedimentos de coleta e processamento de informações, e afeta profundamente a estrutura e organização dos institutos de estatística.

Os novos temas das pesquisas estatísticas são o meio ambiente, a pobreza, a qualidade de vida e a comparabilidade internacional das estatísticas sociais e econômicas; sem abandonar, é claro, os temas clássicos dos estudos populacionais, índices de preços, contas nacionais, e tantos outros. É necessário saber como a atividade social e econômica está afetando o meio ambiente, os estoques de recursos naturais, e os recursos de uso comum, como o ar, a água e o clima. É necessário saber como vivem as pessoas, e em que consiste a pobreza, suas diversas formas, causas e conseqüências. É necessário conhecer melhor como funcionam as economias, e, em um mundo cada vez mais integrado, como elas se complementam e comparam. Instituições como a CEPAL, a OEA, as Nações Unidas e a Comunidade Européia desenvolvem grandes esforços para padronizar sistemas de classificação de informações e coleta de dados, procedimentos de elaboração das contas nacionais, e compatibilizar informações sobre comércio internacional. Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai começam a trabalhar na compatibilização dos dados estatísticos do Mercosul.

Governos, firmas privadas, organizações não-governamentais, partidos políticos, pesquisadores e estudantes, todos pedem informações confiáveis, atualizadas, inteligíveis e comparáveis no espaço e no tempo. Hoje, os

---

[1] Presidente da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

institutos de pesquisa não são mais só dos governos, mas de toda a sociedade. Os números são instrumentos para a ação: permitem localizar os problemas, acompanhar os movimentos da sociedade e os efeitos das ações governamentais, e marcar o rumo do futuro. Pelo uso de tecnologias eficientes de processamento de dados e de técnicas avançadas de amostragem, é possível ter resultados confiáveis, de custo relativamente barato, e entregues à sociedade com rapidez. O papel dos órgãos nacionais de estatística é incorporar estas tecnologias, apoiar e coordenar as diversas fontes produtoras de dados no país, e proporcionar as informações mais fundamentais de que todos necessitam, de maneira rápida e inteligível.

O IBGE já iniciou sua modernização, mas tem muito que andar ainda. Os problemas não são tanto de recursos materiais, mas sobretudo de recursos humanos e de legislação. É necessário recrutar novos talentos, treinar os técnicos e funcionários, consolidar o sistema de mérito, e sobretudo pagar melhor aos mais qualificados. É necessário rever a estrutura da instituição à luz das técnicas modernas de reengenharia, introduzindo um sistema de administração por projetos e centros de custo, completando o "downsizing" do sistema computacional, ajustando seu tamanho e perfil às novas realidades, e substituindo os procedimentos obsoletos de controle do serviço público por contratos de gestão vinculados a orçamentos globais. É necessário reforçar a autonomia técnica, administrativa e financeira do Instituto, colocando-o sob a supervisão de um Conselho de alto nível com a participação do governo e da sociedade, e, quem sabe, submetendo o nome de seu presidente à aprovação do Senado, como já ocorre com o Banco Central. É necessário melhorar as pesquisas e aprofundar a análise dos dados, pela associação estreita com as universidades e outros centros de pesquisa; e agilizar os mecanismos de distribuição das informações, pelo uso intensivo de meios eletrônicos, venda de serviços, associações com o setor privado, e projetos educacionais de difusão.

Os problemas do IBGE são, em parte, comuns ao serviço público brasileiro como um todo, mas diferem em dois aspectos essenciais. Primeiro, porque se trata de um instituto de pesquisa, que requer uma agilidade e preocupação com a qualidade que a rigidez e a lentidão das burocracias governamentais geralmente não permitem. E segundo, porque seu trabalho é fundamental para a modernização do país, e não pode esperar. Os exemplos do

México e da Argentina mostram o que pode ser feito em poucos anos, e não faltam parceiros internacionais qualificados, como o Statistics Canadá, as Nações Unidas e a CEPAL, para cooperar tecnicamente nesta transição. A expectativa é que o novo governo não tarde em reconhecer a importância do IBGE e o sentido das reformas de que necessita, e proporcione o respaldo político para que elas possam ir adiante.

(17/10/1994)